

Ivalina Porto, Sílvia H. Koller
Violência na família contra pessoas idosas
Interações, vol. XII, núm. 22, julho-dezembro, 2006, pp. 105-142,
Universidade São Marcos
Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35402206>



Interações,
ISSN (Versão impressa): 1413-2907
interacoes@smarcos.br
Universidade São Marcos
Brasil

Como citar este artigo

Fascículo completo

Mais informações do artigo

Site da revista

www.redalyc.org

Projeto acadêmico não lucrativo, desenvolvido pela iniciativa Acesso Aberto

VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA CONTRA PESSOAS IDOSAS

IVALINA PORTO

Pedagoga; Gerontóloga; Doutora em Psicologia; Coordenadora do Núcleo Universitário da Terceira Idade (NUTI/FURG); Desenvolve estudos em nível de Pós - Doc. no CEP-RUA/Psicologia/UFRGS (Fundação Universidade Federal do Rio Grande, RS).

SÍLVIA H. KOLLER

Psicóloga; Doutora em educação; Coordenadora do CEP-RUA/Psicologia (UFRGS); Pesquisadora do CNPq. (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Resumo: Este estudo investigou a ocorrência de atos de violência praticados pela família contra mulheres idosas. A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) de Bronfenbrenner foi utilizada como referencial teórico metodológico, a fim de estudar as pessoas idosas, em seus contextos, com suas histórias e processos de desenvolvimento. O instrumento para coleta dos dados foi uma entrevista composta de duas partes. Na primeira foram levantados dados biosociodemográficos e na segunda parte foram questionados aspectos relacionados à possibilidade de ocorrência de violência e maus tratos na família contra as idosas. A inserção ecológica foi um dos procedimentos utilizados na etapa de coleta dos dados. Foi constatada a existência de maus tratos contra as idosas, como agressões verbais, insultos, negligências, abusos financeiros e com menor incidência, agressões físicas.

Palavras-chave: violência, idosas, grupos de convivência, inserção ecológica.

VIOLENCE IN THE FAMILY AGAINST ELDERLY PERSONS

Abstract: This study investigated the occurrence of violence, by the family, against elderly women. The bioecological theory of the human development (TBDH) of Bronfenbrenner was used as methodological and theoretical basis, in order to study the participants, in their contexts, with their histories and developmental processes. The interview was composed of two parts. In the first, the biosocio demographic data was investigated and in the second part, aspects related to the occurrence of violence and mistreatments were questioned. The ecological engagement method

was one of the procedures. Mistreatment was verified against them, such as verbal aggressions, insults, negligence, financial abuses, and physical aggressions.

Keywords: Violence, elderly peoples, groups, ecological engagement.

As estimativas indicam que, em 2025, o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos, prevendo-se que este contingente populacional totalizará em torno de trinta e dois milhões de pessoas com sessenta anos e mais (Kalache, Ramos, & Veras, 1987). Assim, faz-se necessário que, desde já, invistam-se, intensamente, em políticas sociais que visem ao atendimento satisfatório dessa população, que cresce vertiginosamente. Como segmento populacional emergente, os idosos merecem a atenção e a preocupação de todos em questões demográficas, sociais, econômicas, culturais e outras. Idosos(as) precisam manter-se ativos(as) com participação, engajamento e oportunidade de atualização.

A atenção para a questão gerontológica despertada pelo crescimento dessa população tem ocorrido sem que tenha havido, no entanto, um preparo prévio adequado da sociedade como um todo. Tal fato vem acarretando problemas políticos e sociais para o atendimento e a inclusão. As pessoas que, atualmente, alcançam a chamada “terceira idade”, deparam-se com problemas de desassistência, debilidade física, precariedade em oportunidades educacionais e laborais, insuficiência ou inexistência de aposentadorias e pensões. Parte destes problemas enfrentados em nível macrossistêmico reflete-se no microssistema familiar. A falta de preparo para acompanhar pessoas ao longo de um ciclo vital mais extenso, com o devido e justo atendimento às suas necessidades básicas pode gerar situações de constrangimento aos idosos e de desesperança na família. Várias conseqüências podem emergir nesta interação de fatos, à medida que o cotidiano das pessoas exige maior investimento social e pessoal. Casos relacionados a dificuldades no acolhimento e continência sempre ocorrida entre os membros do grupo familiar, chegam à negligência ou ao abandono.

Como fruto extremo destas questões, a violência na família contra os seus idosos passa a ser uma temática de interesse para estudo.

Portanto, o presente estudo visa a investigar tal problemática, a fim de obter dados que possam consolidar propostas de mudança de comportamentos pessoais, familiares e sociais e que visem a desencadear novas ações e atitudes mais positivas em relação aos idosos. Para tal, o Modelo teórico-metodológico: Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) de Bronfenbrenner (1979/1996) será utilizado como referencial teórico metodológico, a fim de estudar as pessoas idosas, em seus contextos, com suas histórias e processos de desenvolvimento.

Modelo teórico-metodológico: teoria bioecológica do desenvolvimento humano (TBDH) de Bronfenbrenner

O modelo teórico de referência para esta pesquisa, que analisou a percepção de idosas sobre as relações de violência na família dirigidas a elas foi a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) (Bronfenbrenner, 2004; Bronfenbrenner, & Morris, 1998). Tal modelo propõe que o desenvolvimento humano bioecológico deve ser estudado através da interação sinérgica de quatro núcleos inter-relacionados: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo (Koller, 2004). O Processo é o construto fundamental com ênfase nos processos proximais que são formas particulares de interação do organismo com o ambiente, que operam ao longo do tempo. Para que o desenvolvimento aconteça, a pessoa precisa estar engajada numa atividade por períodos prolongados de tempo, e na qual haja complexidade progressiva das atividades em que está envolvida, bem como o estabelecimento de relações interpessoais de reciprocidade com atenção, imaginação e exploração da pessoa (Koller, 2004). A forma como as pessoas percebem o seu contexto e suas relações são exemplos de processos fundamentais no desenvolvimento.

A Pessoa envolve características geneticamente determinadas e as construídas na interação com o ambiente. As características da pessoa influenciam a direção e o conteúdo dos processos proximais. O entendimento do ser humano em interação com o ambiente familiar e comunitário é analisado com bastante clareza na abordagem de

Bronfenbrenner (1979/1996), que destaca a importância de explicar o comportamento na relação sujeito/ambiente. A ecologia do desenvolvimento humano implica a interação mútua e progressiva entre uma pessoa ativa e em constante crescimento. As propriedades sempre em transformação dos contextos imediatos em que a pessoa vive seguem influenciando e em relação (Portugal, 1992).

Na definição de Portugal (1992), em consonância com as idéias de Bronfenbrenner (1979/1996), destacam-se alguns aspectos que merecem ser analisados pontualmente: o sujeito é encarado como ser dinâmico que age e interage, transforma a si mesmo e o mundo numa constante interação sujeito/mundo. O ambiente relevante para o processo de desenvolvimento humano não é apenas aquele que o circunda, mas todos os outros contextos que não estão próximos, mas influenciam decisivamente na sua formação.

O terceiro componente do modelo é o Contexto. Bronfenbrenner (1979/1996), ao dissertar sobre o ambiente ecológico no qual o ser humano está inserido e vivendo em constante interação, apresenta-o composto de vários níveis estruturais entrelaçados, que são denominados por ele de microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema.

O microsistema é o local onde os indivíduos podem estabelecer interações face a face. Caracteriza-se pelo contexto imediato no qual as pessoas exercem papéis sociais, ocupam posições, desfrutando, em contrapartida, do conseqüente *status*. São exemplos de microsistema: o lar, a escola, o trabalho. Na inter-relação da pessoa com o seu ambiente, algumas atividades, papéis e relações experienciados têm maior ou menor influência desenvolvimental.

O mesossistema é um sistema de microsistemas, ou seja, um conjunto de interações de contextos em que o indivíduo participa ativamente. Várias inter-relações mesossistêmicas são possíveis e afetam o desenvolvimento humano. A participação multi-contextual é definida como rede social de primeira ordem ou direta. No mesossistema, muitas vezes ocorre uma ligação indireta. Isso acontece quando a conexão se faz por meio de um elemento de ligação intermediário. Por exemplo,

uma pessoa idosa não pôde participar de uma reunião do grupo de convivência do qual é membro efetivo, mas toma conhecimento do que foi abordado e como tudo ocorreu através de uma colega que esteve presente. Nesse caso, configura-se uma rede social de segunda ordem. É possível ter informações sobre o outro contexto, usando várias fontes que dispõem desses conhecimentos. A comunicação intercontextual acontece quando as informações são transmitidas de um local para outro por participação direta ou por notícias, anúncios, etc. Refletir sobre essas participações permite afirmar que há conseqüências desenvolvimentais, tanto mais positivas quanto maiores são as inter-relações que ocorrem entre pessoas mais experientes e cultas (Portugal, 1992).

O exossistema constitui-se de contextos que podem afetar o indivíduo sem que haja sua participação direta. É uma extensão do mesossistema em que a pessoa em desenvolvimento não participa diretamente, mas é influenciada pelo que aí se passa. Pode-se exemplificar com o mundo do trabalho, a televisão, o cinema e outros ambientes. Quanto mais efetivas forem as conexões ambientais entre os exossistemas, mais ocorre o desenvolvimento.

O macrossistema refere-se a protótipos gerais existentes na cultura ou nas subculturas, que afetam o complexo de estruturas e atividades ocorrentes nos níveis de participação mais próximos e concretos. A investigação macrossistêmica convencional está relacionada às influências a que as pessoas estão sujeitas, dependendo do nível sócio-econômico, grupo étnico e cultural a que pertencem, bem como às características urbanas ou rurais. As pessoas apresentam diferenças no desenvolvimento físico, psicológico e social, dependendo inclusive da cultura de seu povo. Muitos comportamentos individuais refletem a história de um povo. No entanto, os sistemas sociais são dinâmicos e susceptíveis de novas e significativas mudanças (Bronfenbrenner, 1979/1996). Preconceitos contra pessoas idosas e estereótipos sociais relacionadas à velhice são aspectos macrossistêmicos que podem se proliferar em algumas culturas e ter influência deletéria sobre as políticas públicas e sociais de proteção.

Na passagem de uma idade a outra, ao longo de todo o ciclo vital, ocorre o que Bronfenbrenner (1979/1996) denominou como transição ecológica. Esta se instala toda vez que uma pessoa passa de um ambiente para outro, ou sua posição altera-se em virtude do meio ou dos papéis e atividades desenvolvidas. Essa transição acontece em qualquer um dos quatro níveis da estrutura ecológica, e é um elemento básico do processo de desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1979/1996).

O tempo é o quarto componente do modelo bioecológico. É analisado em três níveis: microtempo, mesotempo e macrotempo. Koller (2004) aponta que o microtempo refere-se à continuidade e à descontinuidade observadas dentro de pequenos episódios dos processos proximais. O mesotempo diz respeito à periodicidade dos episódios de processo proximal, através de intervalos maiores de tempo como dias e semanas. Já o macrotempo abarca as expectativas e os eventos em mudança, dentro da sociedade, através das gerações, bem como esses eventos influenciam e são influenciados pelos processos e resultados do desenvolvimento humano, dentro do ciclo da vida.

Outro aspecto fundamental na teoria bioecológica é a conceituação de validade ecológica. Tal validade refere-se à compreensão de que a vida cotidiana deve ser considerada como um nicho ecológico. Um problema só pode ser validado se estudado e encontrado nesse nicho (Günther, Pinheiro, & Guzzo, 2004). Isto só é possível pelo método de inserção ecológica, que garante a pesquisa em ambiente natural e é utilizada para estudos do desenvolvimento no contexto (Cecconello & Koller, 2004). Uma investigação é vista como ecologicamente válida se é levada a cabo num contexto natural, envolvendo objetos e atividades do dia-a-dia. É preciso que haja inserção dos problemas de pesquisa na vida, na história e no contexto das pessoas, para que a validade ecológica possa expressar-se. A equipe deve tornar-se parte do ambiente para adquirir a condição de inserida ecologicamente no contexto (Cecconello & Koller, 2004). Segundo De Antoni e Koller (2004, p. 322) “a inserção ecológica é a operacionalização do modelo ecológico do desenvolvimento humano”.

Além de ser válido ecologicamente, o conceito de validade fenomenológica também é fundamental para os dados. Para Bronfenbrenner (1979/1996), o ser humano reage à interpretação que faz de um estímulo. Portugal (1992) reitera esta posição, afirmando que “importa perceber como as situações são vivenciadas ou percebidas pelos sujeitos que nelas participam” (p.52). É importante, para a aplicabilidade do conceito de validade fenomenológica, que os pesquisadores sejam capazes de compreender empaticamente os comportamentos que ocorrem num determinado contexto social. Isso será possível se os observadores participarem de situações semelhantes ou se adquirirem largo conhecimento do ambiente e da cultura onde os participantes vivem. Tal atitude exige uma reavaliação da tradicional relação pesquisadores/pesquisados, na qual os primeiros são vistos como aqueles que detêm o conhecimento e os segundos são os interrogados que devem cooperar para o bom resultado dos trabalhos (Portugal, 1992).

Torna-se essencial para a qualidade das investigações que se tomem como referência tanto o contexto imediato como os contextos mais remotos, em seus aspectos políticos, sociais e culturais e seu potencial em influenciar o desenvolvimento. Considerando a capacidade dos sujeitos de responderem diferencialmente aos diversos momentos e contextos físicos e sociais são necessárias estratégias que permitam levar em conta as características pessoais instigadas e alteradas, em função do contexto e do momento vivido (Portugal, 1992). É importante também, contrastar grupos e processos de desenvolvimento distintos, criando nos pesquisadores algumas interrogações sobre o que é mais significativo e o que contribui mais efetivamente para resultados realísticos e válidos. Portanto, os estudos psicológicos interessados em analisar crenças, atitudes, valores e outros processos psíquicos precisam levar em consideração o ambiente em torno das pessoas, lidando com a ação e a reação dos seres humanos no contexto, para que seja alcançada a validade ecológica.

Considerando a relação da crescente modernização social com a ainda prevalente desvalorização dos idosos, surge então um sério viés

cultural, alienado e perverso, com significativas conseqüências no estabelecimento de valores e atitudes positivas (Novaes, 1997). Experiências de desrespeito, negligência e abandono são experienciados pelos idosos em diferentes sociedades. Essa visão macrossistêmica de demarcar o envelhecimento por situações de afastamento do contexto social reflete-se nos outros sistemas e sinaliza de forma distorcida para a sociedade, para a família e para os próprios idosos o que a velhice pode representar (Novaes, 1997). A sociedade brasileira está tentando construir uma nova imagem dos idosos e também os idosos estão mais conscientes de sua importância e de seus direitos de cidadania, segundo Novaes. No entanto, muito ainda precisa ser feito para desvelar a realidade de ser idoso(a) e contribuir para que uma mudança se consolide. Tal atitude será fator necessário para tentar reverter a situação ultrajante a que algumas pessoas idosas estão submetidas na sociedade e no ambiente intrafamiliar.

Pessoas Idosas e a Família

A família é a fonte primária das experiências iniciais do ser humano e é nela que se aprende o respeito por si próprio e pelos outros. Um dos temas mais difíceis da psicologia da velhice é a análise das razões que motivam condutas diversas de familiares, com relação ao membro de mais idade e vice-versa.

À medida que as pessoas avançam em idade, afastam-se do mundo do trabalho e suas interações sociais podem, portanto, diminuir. A família, então, reveste-se de maior importância, pois é nela que os idosos procuram encontrar um abrigo seguro, para vivenciar seus últimos anos de vida. O carinho e o respeito da família contribuem decisivamente para um final de vida feliz (Leme, 1996; Leme & Silva, 1996; Néri & Sommerhalder, 2006; Sommerhalder & Nogueira, 2006; Zimmerman, 2000).

A família é o núcleo por excelência no qual os idosos buscam apoio para sua vivência afetiva. Dar e receber carinho, atenção e consideração garante a segurança e a estabilidade necessárias para o enfrentamento das tarefas da vida diária, na ecologia familiar. Quanto mais saudáveis forem as relações, com estabilidade, reciprocidade e

equilíbrio de poder, mais felizes e ajustadas socialmente serão as pessoas (Bronfenbrenner, 1979/1996).

As pessoas idosas desejam permanecer independentes e auto-suficientes. No entanto, nem sempre isto é possível, por questões de saúde e/ou problemas econômicos. A autonomia é uma das competências frequentemente mais prejudicada e os idosos são levados a morar com membros da família com quem já não viviam mais ou em instituições. Em consequência de sua relativa perda de autonomia, podem passar a se sentirem como um encargo para os filhos. Segundo Hoose e Worth (1985), a exploração positiva dessa situação pode reverter, no entanto, em benefício para todos os membros, se for bem compreendida a dinâmica do inter-relacionamento familiar e os seus efeitos para a convivência saudável e fortalecedora de todos. Idosos e familiares precisam repensar valores e comportamentos, com vistas ao estabelecimento de um relacionamento intergeracional positivo. A maneira de se relacionar com o membro da família que hoje está envelhecido e, talvez, com menor autonomia precisa conquistar novos patamares, porque torna-se diferente. Hoje o pai ou a mãe idosa não são mais aqueles que apoiavam emocional e financeiramente aos filhos, mas são quem mais precisa deste apoio. O lugar na rede de apoio social e afetivo modificou-se, o que não significa que não tenha o que compartilhar e suporte para dar. É preciso compreender as características dessa nova etapa do ciclo vital e sua dinâmica de inter-relação, bem como o momento histórico vivido (Brito & Koller, 1999).

De qualquer forma, a dificuldade de entender as fragilidades e as deficiências das pessoas idosas pode criar problemas de relacionamento. Em algumas famílias, tem havido o registro de comportamentos abusivos em relação ao membro idoso, sendo cada vez maior o número de queixas em relação à forma como são tratados.

Os envolvimento profissionais e educacionais, bem como os múltiplos papéis a serem exercidos pela família na sociedade atual, às vezes, geram conflitos e tensões dificultando a incorporação dos idosos nesta realidade e no cotidiano produtivista da família, em busca da

sobrevivência. Também uma série de complicações decorrentes de dificuldades materiais, psicológicas ou afetivas do grupo familiar contribuí para o aparecimento de comportamentos desajustados e de casos de negligência ou descaso em relação aos seus membros mais velhos e frágeis (Leme & Silva, 1996).

É esperado que os indivíduos idosos obtenham de seus familiares condições psicológicas positivas, que contribuam para a preservação de seu equilíbrio afetivo. Mas tal expectativa tem sido contraposta por índices de violência intrafamiliar cada vez mais elevados. Souza e colaboradores (1998) apontam para casos nos quais a violência é expressa através de maus tratos sofridos por idosos no seio da própria família. Fatores diversos podem contribuir para que tal fato ocorra em frequência cada vez maior contra os idosos, entre os quais se destacam: problemas de relacionamento com os filhos e netos, estresse dos cuidadores, conflitos intergeracionais de valores e consumo de álcool (Frost & Willete, 1994). A estes fatores podem ser adicionados a questão econômico-financeira das famílias brasileiras e o custo em compartilhá-la com número aumentado de membros não produtivos ou precariamente remunerados por uma aposentadoria indigna.

Atualmente, o núcleo familiar está mais voltado para o casal e seus filhos, estreitando os espaços ocupados pelos avós. No entanto, tem sido despertado um importante período de transição e mudanças, entre os quais se destaca a preocupação com o estabelecimento de políticas sociais, que garantam o viver digno das pessoas na terceira idade, preservando seu espaço pessoal, social, econômico e familiar. Portanto, qualquer que seja a estrutura de organização da família no futuro, há a necessidade de manutenção de vínculos afetivos entre seus membros. Na velhice, as pessoas necessitam valorização, dignidade, tranquilidade e direito de escolha, assim como atenção e carinho da família, da mesma forma como careciam ao longo das demais fases de suas vidas.

Violência na Família contra Pessoas Idosas

A questão da negligência e dos maus tratos na família contra os idosos não é um fato novo, mas começou a despertar maior interesse e

preocupação diante do aumento da expectativa de vida desse segmento populacional. Hoje há um número significativo de pessoas que estão vivendo muito mais do que há poucas décadas atrás, aproximando-se dos cem anos de vida (Gondin & Costa, 2006; Machado & Queiroz, 2006). Essa transição demográfica provoca um aumento da incidência de doenças crônico-degenerativas nos idosos, reduzindo a capacidade funcional, tornando-os dependentes de cuidados, com grande risco de maus tratos por parte dos seus cuidadores (Machado & Queiroz, 2006).

Zimerman (2000) refere-se à falta de preparo dos familiares, a condições de carência econômica e a existência de história de agressões entre seus membros como alguns dos fatores que levam as famílias a maltratarem física ou moralmente seus idosos. Acrescenta ainda que as melhores condições financeiras não são garantia de ausência de maus tratos, ocorrendo com frequência nas famílias mais abastadas. Muitas vezes, as famílias revelam desconhecimento das necessidades das pessoas mais velhas, descaso pela manutenção de seu bem estar e dignidade, falta de carinho e atenção.

As primeiras reações dos idosos diante da violência intrafamiliar envolvem medo, vergonha e culpa pelo fracasso pessoal ou do sistema pelo qual se sentem responsáveis. Algumas vezes, as evidências de violência são negadas pela vítima ou, até mesmo, aceitas como parte natural das relações familiares. A identificação de indicadores ou dos maus tratos propriamente ditos aos idosos envolve questões complexas, que precisam atuação interdisciplinar (Fernandes & Assis, 1999).

Em geral, quando ocorre agressão física, outras formas de maus tratos estão presentes. As marcas da violência contra os idosos não são apenas físicas, mas também de ordem psicológica ou emocional, econômica ou financeira. A maior parte dos autores classifica a violência contra os idosos em maus tratos físicos e psicológicos, negligência, abandono, falta de comunicação, desconsideração pela sua capacidade e experiência, tratamento infantilizado, abusos financeiros, abusos sexuais, e, às vezes, até por danos morais. Os inúmeros tipos de violência ou abuso não prejudicam apenas à vítima, mas a todo o círculo familiar

(Fernandes, 1997; Frost & Willete, 1994; Jones, 1994; Machado & Queiroz, 2006; Zimerman, 2000).

A violência física pode causar lesão e dor e se caracteriza por socos, tapas, pontapés, empurrões e abusos sexuais. Ainda pode ocorrer a retirada ou limitação da alimentação e/ou dos cuidados médicos. A violência emocional expressa-se em palavras rudes que depreciam e ridicularizam, humilham, insultam, ou geram privação de informação e isolamento social intencional. O tratamento impessoal também é uma forma de agressão que desconsidera o conhecimento e a experiência dos idosos, diminuindo sua auto-estima e, geralmente, se expressando por atitudes de infantilização dos idosos (Gondin & Costa, 2006; Machado & Queiroz, 2006; Zimerman, 2000).

A violência econômica, também, é bastante comum contra idosos que têm algum poder aquisitivo ou renda. Esta corresponde à retirada ou ao uso inadequado do recurso, para proveito de outrem que não o próprio recebedor ou detentor destes valores. Alguns idosos são forçados, portanto e, muitas vezes, o fazem contra sua vontade, a assinarem procurações delegando poderes; a vender propriedades ou mudar testamentos, ou a serem expostos a interdições. Machado e Queiroz (2006, p.1152) definem esse tipo de violência como “exploração imprópria ou ilegal e/ou uso não consentido de recursos financeiros de um idoso”.

A negligência implica esquecimento ou falta total de cuidados e pode acontecer dentro de casa ou em instituições. Envolve falhas no atendimento das necessidades básicas dos idosos, que ficam evidentes na higiene, horário e qualidade da alimentação, tratamento de saúde, administração de medicamentos nos horários prescritos e até o fato de não proporcionar oportunidade de lazer ou um espaço digno para viver (Gondin & Costa, 2006; Lynch, 1997; Machado & Queiroz, 2006; Zimerman, 2000).

Alguns fatores destacados em pesquisas realizadas nos últimos anos são considerados como os maiores responsáveis pela violência contra os idosos: o ciclo de violência familiar; o nível de dependência

dos idosos, o estresse dos cuidadores e o isolamento social. Há indicação de que crianças que sofreram maus tratos de adultos são hoje os agressores de seus pais e avós. Quanto mais frágeis e dependentes forem os idosos mais aumenta o risco de sofrerem maus tratos e negligência. O estresse dos cuidadores está relacionado diretamente à dependência do(a) idoso(a). Muitos cuidadores podem praticar atos de negligência e/ou maus tratos como decorrentes do trabalho constante e desgastante de cuidar. O isolamento social pode proteger os idosos de maus tratos, mas pode também levar à negligência ou à auto-negligência (Machado & Queiroz, 2006).

Segundo a Constituição Federal de 1988, a família é à base da sociedade, e seu dever, compartilhado com a sociedade e o Estado, é “amparar as pessoas idosas assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”. Assim, cabe aos membros da família entender o(a) idoso(a) em seu processo de vida, conhecer suas fragilidades, suas transformações, modificando sua visão e atitude sobre a velhice, e colaborar para que mantenha sua posição junto ao grupo familiar e à sociedade. As ações e programas para minimizar a violência contra os idosos incluem também a educação dos profissionais da saúde e da comunidade, bem como a promoção e a implementação de políticas públicas e governamentais.

Políticas de Proteção aos Idosos

Segundo a World Health Organization – WHO (1982), o envelhecimento populacional é uma conquista e um triunfo da humanidade, decorrente do sucesso das políticas públicas e sociais. A Lei nº. 8842/94, que dispõe sobre a política nacional dos idosos (regulamentada pelo Decreto nº. 1948/96), foi um marco no sentido de apresentar novas perspectivas para o cidadão idoso ficando definidas as responsabilidades da família e da sociedade em níveis federal, estadual e municipal.

Queirós (1997) destaca que no Artigo 10 – Das ações governamentais, Capítulo VI, na área da Justiça, há preocupação com

a questão da violência contra os idosos, pois visa a promover e defender os seus direitos e a zelar pela aplicação de normas e determinações para evitar abusos e lesões em seus direitos.

No Decreto 1948, de 3 de julho de 1996, que depois de dois anos e meio regulamenta a Lei 8842, há referências à defesa dos idosos. O Art. 13 estabelece a competência do Ministério da Justiça, por intermédio da Lei de Direitos de Cidadania, de encaminhar as denúncias ao órgão competente do Poder Executivo ou do Ministério Público para defender os direitos da pessoa idosa junto ao Poder Judiciário e de zelar pela aplicação das normas sobre os idosos, determinando ações para evitar abusos e lesões aos seus direitos. No seu parágrafo único fica definido que todos os cidadãos podem e os servidores públicos devem denunciar à autoridade competente qualquer forma de negligência ou desrespeito aos idosos, por parte de órgão ou servidor da administração pública.

Recentemente, foi promulgado o Estatuto do Idoso (Lei nº. 10.741/03), reafirmando os direitos dos idosos (Milnitzky, Sung, & Pereira, 2004). Segundo Jatobá et al. (2004), “com a aprovação do estatuto, os direitos dos idosos foram ampliados e legitimados perante a sociedade, garantindo punição severa para aqueles que desrespeitam ou abandonam os cidadãos da terceira idade” (p. 43). Há, no entanto, ainda um distanciamento entre a legislação e a realidade dos idosos no Brasil. Destaca-se a necessidade de estimular e mobilizar a sociedade para o constante debate em prol dos direitos desse segmento populacional (Milnitzky, Sung, & Pereira, 2004).

O objetivo geral deste estudo foi, portanto, investigar a ocorrência de atos de violência, abusos e maus tratos contra mulheres idosas participantes do Núcleo Universitário da Terceira Idade, na cidade de Rio Grande/RS. Os objetivos específicos são: identificar os tipos de violência e abusos sofridos na família pelos integrantes do grupo estudado e instaurar espaços de discussão, que possibilitem aos idosos, a reflexão e o enfrentamento do problema relacionado à violência familiar.

Método

Contextualização

Esta pesquisa foi desenvolvida no Núcleo Universitário da Terceira Idade junto ao Programa de Lazer, Educação e Cultura, para idosos da comunidade da cidade de Rio Grande na Fundação Universidade Federal do Rio Grande (NUTI/FURG). Neste Núcleo são realizados estudos interdisciplinares, interinstitucionais e interdepartamentais sobre o envelhecimento, analisando a questão social dos idosos e oferecendo subsídios para uma política de resgate de sua cidadania.

Participantes

Participaram da pesquisa quarenta e uma idosas com idade igual ou superior a 60 anos ($M = 68,56$; $DP = 6,356$), integrantes do Núcleo Universitário da Terceira Idade – NUTI, que moram com a família ou mantém contato sistemático com seus familiares, condição estabelecida como necessária para integrarem o estudo. Na seção de Resultados estão apresentados dados biosociodemográficos, obtidos na entrevista, que descrevem em detalhe esta amostra.

Instrumentos

Foi aplicada uma entrevista composta de duas partes. Na primeira foram levantados dados biosociodemográficos, de acordo com entrevista anterior elaborada por Porto (1997) e adaptada, em 2006, para o presente estudo. Foram realizadas 74 questões sobre gênero, idade, escolaridade, trabalho, lazer, aposentadoria e outros nesta etapa. Na segunda parte foram questionados aspectos relacionados à possibilidade de ocorrência de violência e maus tratos na família contra as idosas participantes. Esta parte foi elaborada por Porto (2006), complementada por questões propostas por Fernandes e Assis (1999), e adaptadas para o presente estudo, contendo 30 questões (Anexo A).

Procedimentos

O projeto de pesquisa foi apresentado ao Colegiado do Departamento de Educação e Ciências do Comportamento da FURG,

bem como ao Comitê de Ética da FURG, sendo aprovado nas duas instâncias. Inicialmente, as participantes foram contatadas para esclarecimentos sobre os objetivos e a importância da pesquisa e, em seguida, todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram planejados, então, a hora e o local para início do trabalho.

A inserção ecológica foi um dos procedimentos utilizados na etapa de coleta dos dados. A primeira autora desenvolvia, na época, atividades permanentes e regulares com as idosas no Núcleo, havendo interação e reciprocidade nas relações. O processo proximal nesta pesquisa ocorreu com a equipe (pesquisadores, professores, bolsistas) e as participantes que atuam no núcleo institucional.

Durante a inserção ecológica, as idosas foram convidadas a responder às questões sobre os dados biosociodemográficos (primeira parte da entrevista). A inserção ecológica permitiu que a primeira autora obtivesse muitas das informações solicitadas no roteiro da entrevista, apenas pela convivência com as participantes. Após este levantamento foi aplicada a segunda parte da entrevista sobre violência e maus tratos na família contra a idosa. Alguns dados qualitativos foram registrados durante a inserção ecológica (diário de campo).

Resultados e Discussão

A análise do contexto mostrou-se fundamental para a pesquisa ecológica, pois permitiu observar como as pessoas são influenciadas e como reagem dentro dele, diante da violência que permeia as relações familiares e com aspectos de seu cotidiano. O estabelecimento de relações no microsistema familiar e como estão definidos os papéis entre seus membros também influenciam outros contextos (mesossistema, exossistema e macrossistema).

Nesta pesquisa, informações sobre as relações da família com os outros contextos onde transitam as participantes idosas foram obtidas. As idosas provenientes de famílias que interagem com o grupo de amigos e vizinhos, participando de eventos comunitários de lazer, culturais e religiosos percebem-se como mais valorizadas e respeitadas

pelos seus pares e no ambiente familiar. Durante a inserção ecológica pode-se constatar que essas famílias consideram e respeitam sua idosa, comparecendo aos eventos programados pelo grupo, participando de pesquisas e dando contribuições para a melhoria dos trabalhos. Manifestam satisfação e orgulho pelo desempenho da mesma nas atividades do grupo. Como estabelecem um relacionamento positivo na comunidade parece que aprenderam a ocupar seus espaços, cumprir seus papéis e a respeitar as participações e as peculiaridades de cada uma. Famílias mais restritas em relacionamentos sociais, que não comparecem aos eventos programados pelo grupo, nem mesmo quando convidadas, tenderam a demonstrar menos afetividade e preocupação com suas idosas, conforme percepção expressa no grupo pelas próprias participantes. Também foi possível constatar durante a inserção que as idosas integrantes dessas famílias são menos participativas no grupo.

Na entrevista biosociodemográfica, o tempo, inferido nos relatos das entrevistadas, permitiu informações sobre descendência, heranças culturais, e raízes históricas da sociedade. Uma análise do tempo revelou as formas de organização das rotinas e dos eventos, e permitiu conhecer o passado, o presente e as perspectivas futuras das pessoas pesquisadas.

Inicialmente, foi realizado o levantamento das estatísticas descritivas através dos dados biosociodemográficos e em seguida das questões sobre violência e maus tratos na família contra a idosa, a fim de caracterizar e descrever em detalhe a amostra. A análise dos dados qualitativos coletados, durante a inserção ecológica (registrados em diário de campo) embasou a discussão sobre os quatro aspectos do modelo pessoa, processo, contexto e tempo (PPCT) de Bronfenbrenner (2004). Os resultados, a seguir, estão apresentados considerando as respostas que alcançaram maior frequência. A análise dos dados biosociodemográficos foi complementada por informações obtidas durante a inserção ecológica.

Quanto ao estado civil as idosas são na maioria viúvas ($n=29$; 71%), sendo nove casadas (22%) e três solteiras (7%). Quanto à renda pessoal, apenas uma declarou não possuir renda. As outras recebem recursos provenientes de aposentadorias e pensões ($n=40$; 98%). Entre estas ($n=14$;

34%) recebem aposentadoria e pensão; Um número igual ($n=14$; 34%) recebe somente pensão e outras ($n=12$; 30%) vivem só da aposentadoria.

Foi perguntado, entre as que recebem algum tipo de renda, se esta era suficiente para viver. Entre elas 81% declararam que a renda é suficiente para viver ($n=33$). Apenas 17% declararam que a renda é insuficiente ($n=7$). Foi perguntado também se recebem ajuda extra para viver. Onze participantes (27%) confirmaram que recebem ajuda de familiares como cônjuge, cunhada, filhas, filhos e neto.

Ter condições financeiras boas, garantindo o próprio sustento reduz, de acordo com as próprias participantes, a possibilidade de “sofrer maus tratos por parte dos familiares”. Durante a inserção ecológica, a primeira autora obteve informações de que muitas das entrevistadas ajudam nas despesas da casa e dão suporte financeiro aos familiares. Tal fato, como apontou Beauvoir (1990), permite que a pessoa não seja vítima de condições econômicas adversas, o que reduz seu estado de dependência e ela consegue seguir através da vida, construindo sua trajetória e buscando atingir suas metas e objetivos. A possibilidade de se manter economicamente sem depender dos familiares eleva a auto-estima das idosas e lhes confere maior poder para gerir a própria vida, segundo manifestaram informalmente durante a inserção ecológica da equipe.

A situação de moradia das entrevistadas é, segundo elas, boa, o que sugere que o contexto físico contribui para a manutenção da qualidade de vida. As residências são compartilhadas com poucos moradores, sendo os percentuais mais altos concentrados em três pessoas vivendo com a idosa ($n=11$; 27%), um número menor mora sozinho ($n=9$; 22%), uma só pessoa como companhia da idosa ($n=8$; 20%) e mais duas pessoas além da idosa na mesma casa ($n=6$; 15%). Os parentes com quem mais compartilham a residência são filhos, genros, noras e netos. As idosas mencionam que vivendo em seu próprio lar e mantendo uma convivência satisfatória com a família, sentem “como um fator decisivo para a preservação de suas vidas, sendo capazes de engajarem-se positivamente em atividades”. Satisfeitas em suas necessidades

fundamentais, “sentindo-se amadas e compreendidas têm motivação para viver plenamente”, segundo elas afirmaram.

A maior parte delas ($n=34$; 83%) mora em casa própria. E ter casa própria foi considerado um fator de proteção para as entrevistadas, que declararam ser uma situação ideal. Preferem esta situação, porque “podem manter hábitos sem perturbar ninguém”. Ser dona da casa, conforme aponta Canoas (1985), reafirma a condição de a idosa ter voz ativa na família, além de indicar independência.

Quanto à ocupação, ($n=30$; 73%) se declararam “do lar” e quatro realizavam alguma atividade como artesanato, cabeleireira, restauradora de livros e professora (15%). Duas participantes fazem trabalhos voluntários, dentro do projeto, atuando uma como professora de espanhol e a outra como secretária. Todas gostam do trabalho que realizam. Apenas uma ainda possui vínculo empregatício formal. Vinte e sete delas são aposentadas.

A idade da aposentadoria concentrou-se em torno dos 60 anos ($M=57,22$; $DP=7,54$). As idosas mencionaram, em conversa informal durante a inserção ecológica, que mantém alguma forma de trabalho, “para poder passar as horas de forma agradável, conservar o dinamismo e conviver com as amigas”. Em geral, “não têm mais aspirações profissionais, em termos de crescimento ou promoções”. Afirmam que “pretendem realizar as atividades até o momento em que tiverem força para tal”.

Foram questionadas sobre seu estado de saúde. Entre as entrevistadas, 34 (83%) informaram que possuem problemas. Os tipos de doenças mais citados, por ordem de incidência foram: hipertensão (39%), problemas cardíacos (14%), colesterol alto (14%) e dores nas articulações (10%). Muitos outros problemas de saúde foram citados, porém com menor incidência como: dificuldades de visão, osteoporose, má circulação, gastrite, labirintite, lombalgia, asma e depressão. Mesmo informando, em alta percentagem, a presença de algumas doenças, as idosas conservam a capacidade para a realização de atividades básicas e instrumentais da vida diária, com autonomia e independência. Em geral,

cuidam da saúde procurando atendimentos médicos com frequência e fazendo uso dos medicamentos prescritos.

Ao se referirem aos seus hábitos alimentares, 17 idosas declaram que fazem três refeições por dia (42%); 18 participantes disseram que fazem quatro refeições diárias (44%). Quase todas ($n=37$; 91%), disseram que elas mesmas “preparam a refeição e gostam de fazê-lo”. Somente quatro participantes disseram que as refeições são preparadas por um familiar.

Quanto à higiene pessoal, todas informam ter autonomia para cuidarem de si mesmas, “tomar banho, arrumar o quarto, cuidar de plantas, limpar a casa e fazer outras atividades da vida diária”. Além dessas atividades costumam fazer peças de artesanato, tricô, crochê e costurar. Também tomam conta dos netos para que os seus filhos possam trabalhar.

Quando foram perguntadas sobre a qualidade do relacionamento familiar, 30 declararam que “é ótimo” (73%), nove consideram que “é bom” (22%) e duas o definiram como “regular” (5%). Consideram como membros de sua família, “o cônjuge, filhos, netos, genros e noras”. Alguns citaram também irmãos e amigos. A maioria das entrevistadas que definiu o relacionamento como ótimo afirma que “é ótimo seu relacionamento com a família, pois há respeito, amor, união e amizade”. No entanto, algumas entrevistadas disseram durante as reuniões para coleta de dados que necessitam de “mais carinho, dedicação, atenção e amor por parte da família”. Estes sentimentos, expressos por um grupo significativo, parecem se dever ao fato de que “não se percebem como elementos muito valorizados no seio da família”. Sentem que, no ambiente familiar, “há uma perda progressiva de sua importância e prestígio”. Algumas idosas apontam que esse decréscimo ocorre “após a aposentadoria, quando se sentem obrigadas a abdicar de atribuições que lhes davam status e poder para conduzir a vida familiar”.

Todas as participantes afirmaram “ter amigos, gostam de fazer novos relacionamentos e se dizem felizes com isso”. Essa vontade de estar em contato com seus pares, conversar, participar de eventos,

passaios e viagens faz com que estejam sempre presentes nas reuniões e atividades do grupo. Nas férias sentem muita falta dos trabalhos e para atender essa necessidade das participantes são programadas algumas atividades para esse período, proporcionando às integrantes a possibilidade de continuidade de convívio entre elas.

Apesar de participarem intensamente das atividades do Núcleo, apenas 20 delas (49%) contribuem com sugestões para o planejamento de novas ações. As demais ($n=21$; 51%) preferem “acatar as regras e normas do grupo sem questioná-las e aceitar as opiniões e propostas daquelas que propõem as ações”. Comparando os resultados colhidos na pesquisa com o desempenho das participantes observado no grupo de convivência, durante a inserção ecológica, pode-se afirmar que aquelas que apresentam características de participação, iniciativa, criatividade e responsabilidade desenvolvem relações interpessoais mais positivas na família. A efetiva atuação no Núcleo as fortalece para o enfrentamento de condições ambientais adversas, promovendo o desenvolvimento. Por outro lado, idosas deprimidas, tristes, indiferentes com a vida e com tudo que é proposto no grupo tenderam a relatar relações familiares e sociais mais adversas.

O grupo e/ou associação de idosos representa para as entrevistadas “uma forma de lazer que proporciona novos relacionamentos, convívio com amigos, distração, alívio de tensões e troca de informações e de experiências”. Oportuniza uma educação continuada e abre espaços para que os participantes possam resgatar seus projetos de vida, redirecionar suas aspirações pessoais e profissionais, elevando a auto-imagem e o sentimento de valorização pessoal. Participam de várias atividades, como: grupo de convivência; grupo de entre-ajuda; ioga; aulas de espanhol; aulas de inglês; alfabetização, educação física; hidroginástica; natação; informática; grupo de teatro; canto coral; artesanato; danças de salão e outras atividades artísticas, culturais e de lazer. São desenvolvidas pesquisas sobre a temática, levantando dados que subsidiam novas propostas de ação e sistematicamente acontecem palestras que contribuem para aumentar o conhecimento das participantes e ajudam na reflexão sobre as questões do envelhecimento.

O grupo parece constituir-se em uma importante rede de apoio às idosas. Na relação vista como “democrática, estabelecida entre seus membros”, aceitam as contribuições dos demais e as consideram como enriquecedoras para o alcance dos objetivos grupais e pessoais. Nesta postura, aberta e verdadeira, adquiriram uma compreensão do valor de cada uma, fortalecendo os laços de respeito e amizade. O conhecimento do potencial e a certeza de que são elementos valiosos para a sociedade, contribuiu para a melhoria do relacionamento familiar e social. Pessoas mais felizes são naturalmente mais aceitas e compreendidas, crescendo a possibilidade de uma interação familiar e social, respaldada pelo respeito que deve existir entre os seres humanos.

Foram também questionadas sobre seus vínculos e práticas religiosos. Um número significativo disse praticar uma religião ($n=32$; 78%). As outras ($n=9$; 22%) não freqüentam igreja ou local de oração, mas dizem “acreditar na existência de Deus”. A religião que mais praticam é a católica ($n=18$; 44%), seguida da protestante ($n=7$; 17%). Um número expressivo ($n=35$; 85%) mencionou que “a religiosidade aumenta com a idade”. Declaram que isso ocorre, porque “agora têm mais tempo para se dedicar à religião, são mais maduras e reflexivas e, também, porque estão próximas do final e pensam numa possível vida após a morte”.

Ao se referirem à sexualidade, nessa etapa vital, afirmaram que “houve mudanças na forma de expressá-la”. A questão da entrevista oferecia algumas opções para que tentassem definir como vivenciam atualmente a sexualidade. Algumas participantes ($n=8$; 20%) informaram que expressam sua sexualidade com carinhos e toques, ou seja, abraços, beijos e outros tipos de contatos amorosos com o parceiro. Outras ($n=7$; 17%) dizem que manifestam sua sexualidade com conversas muito sensuais e íntimas. Algumas ($n=5$; 12%) dizem que sua sexualidade se expressa nas relações sexuais e cinco por atenções especiais para com seu parceiro(12%). Butler e Lewis (1985, p.17) afirmam que a sexualidade “reação física e emocional ao estímulo sexual está além do impulso e do ato sexual” e sugerem que as pessoas de mais idade precisam ser encorajadas e apoiadas a manifestar não só paixão, mas

amor, afeto e lealdade. As pessoas afirmam-se positivamente ao sentirem emoções e ao vivenciarem momentos de romance. Tais reações são provas afirmativas de que é possível contar com o corpo e seu funcionamento (Butler & Lewis, 1985). Pôde-se verificar que as participantes se sentem sensualmente estimuladas ao relatarem seus momentos amorosos e expressam felicidade por estarem vivas e partilhando seus sentimentos.

A perda da capacidade afetiva não é um componente natural do envelhecimento do ser humano. Há apenas, para ambos os sexos, uma diminuição no ardor sexual (Butler & Lewis, 1985). No grupo, observou-se que gostam de namorar, tratam seus parceiros com carinho, trocam palavras gentis, passeiam de mãos dadas, dançam muito juntas com seu parceiro. Expressam dessa forma a alegria de estarem juntos e vivos. Uma participante viúva relatou que sente uma emoção muito forte quando dança com o namorado: “É um prazer maior do que o que sentia nas relações sexuais quando era casada”.

Foram oferecidas várias opções, através de uma pergunta de escolha múltipla, para que pudessem definir o que consideram mais importante em suas vidas. Em primeiro lugar colocaram a família com 33 escolhas (81%), A saúde apareceu em 32 respostas (78%) e a seguir os amigos foram citados 11 vezes (27%). Ter dinheiro apareceu nove vezes (22%). O amor e a educação foram citados, cada uma das opções, 8 vezes. Outros valores como religião, respeito e segurança aparecem citados, mas com baixa incidência.

A família reveste-se, na velhice, de maior significado, pois é nela que os idosos procuram abrigo seguro para vivenciar seus últimos anos de vida. Seus interesses voltam-se para filhos e netos, num processo interativo de dar/receber amor e dedicação. Durante a inserção ecológica, muitas participantes declararam que “não gostam de dar trabalho para seus familiares, pois já têm muitas responsabilidades”. Desejam “manter a saúde para realizar suas atividades de forma independente, evitando envolver os familiares com seus problemas”. Em conversas informais feitas no grupo diziam “não gostar de depender

da família para a realização das atividades diárias, e por isso consideram de grande importância à manutenção da saúde”. Um conjunto de complicações na família como insuficiências materiais, psicológicas, afetivas, de saúde e outras ocorridas na relação com os idosos têm levado a situações de negligências e potencial agressão. Idosos fragilizados, que esperam apoio dos familiares, podem apresentar nessas situações, sérios problemas de morbidade sob o ponto de vista físico, psicológico e social (Leme & Silva, 1996)

Foram, também, questionadas sobre suas atividades do lar. Cinco participantes não responderam a essa questão e justificaram dizendo que têm empregadas domésticas que fazem o serviço da casa. As outras, em geral, fazem todo o serviço (n=25; 61%). Algumas só cozinham (n=7; 17%). Duas declararam que só cuidam do quarto (5%), uma diz que lava a roupa e uma não faz nenhuma outra atividade. Quando perguntadas sobre o que gostam realmente de fazer as respostas se concentraram em: cozinhar (n=13; 32%), artesanato (n=4; 10%), todas as atividades (n=3; 7%), lavar roupa (n=3; 7%) e apenas passear, também com 7% das escolhas. Outras atividades como cuidar das plantas, bordar, fazer tricô, crochê, dançar, discutir, ler e ver TV foram mencionadas, mas com baixo percentual de escolha.

Disseram que além de fazer “o que gostam, também realizam várias atividades mesmo sem gostar porque não há em casa outra pessoa para fazê-las”. Os familiares das idosas costumam, segundo depoimentos das mesmas, “aproveitá-las para a realização dos trabalhos domésticos, enquanto se afastam para as atividades profissionais”. Este fato pode ser descrito como uma violência contra essas pessoas, porque lhes é exigida a realização de tarefas que não desejam fazer espontaneamente.

Algumas perguntas levantaram dados sobre como se sentem no lugar onde vivem, se há algo que as incomodam e se gostariam de mudar alguma coisa em suas vidas. Declaram que “gostam de viver onde vivem” (n=37; 90%), apenas três disseram que queriam estar em outro lugar e uma não respondeu. Ainda um grupo de (n=11; 27%)

disseram que “mudariam a sua vida se fosse possível”. Várias dizem que “há coisas que as incomodam” (n=12; 30%). Embora com baixo percentual de respostas o que mais as incomoda é a solidão (n= 3; 7%).

Muitas vezes, a solidão na velhice é conseqüência de doença ou sentimento de perda. O sentimento de inutilidade, a ausência de motivação e as dificuldades de inserção social dificultam seu processo de identificação, aumentando a solidão e, às vezes, levando à doença e a morte (Léger, Tessier, & Mouty, 1994). É importante reconhecer quando o isolamento pode levar à inquietação e à angústia. Algumas pessoas dizem buscar “um reencontro consigo através do isolamento podendo esse levar a plenitude, confiança e paz”. No entanto, a solidão relacional leva à tristeza e ao sentimento de abandono (Léger, Tessier, & Mouty, 1994). Outros dados que incomodam foram também citados como: “ter que conviver com cachorros e gatos” por 7% das idosas, local da residência, violência, ouvir futebol, doenças e vizinhos, cada uma destas categorias foi mencionada apenas uma vez por algumas das entrevistadas.

Entre as que gostariam de mudar de vida, algumas expressaram sonhos impossíveis como “voltar ao tempo passado”, “viver como no meu tempo”, “ter de volta o marido que já faleceu”, “poder voltar atrás uns dez anos” e outras situações desse tipo. Bosi (1983) referindo-se às evocações do passado comenta que é curiosa a expressão meu tempo usada pelos que recordam, pois se ainda estão vivos seu tempo é hoje. As recordações fazem parte da história pessoal, mas muitos se apegam ao passado porque não encontram satisfação no momento presente.

Quase todas declaram ter autonomia e liberdade em casa (n=40; 98%), e um número significativo (n=32; 78%) dizem que participam das decisões familiares. Também (n=37; 90%) afirmam que têm liberdade para ver amigos, e (n=20; 49%) afirmam que os familiares aceitam seus novos relacionamentos amorosos. Apenas (n=6; 15%) dizem que “os membros da família não aceitam os seus relacionamentos amorosos”. As demais não responderam à pergunta se há concordância

da família quanto aos novos relacionamentos amorosos, pois nove são casadas e outras seis não desejam ter novos relacionamentos.

As entrevistadas possuem bens ($n=32$; 78%), vinte e sete delas administram sozinhas (66%) e ($n=4$; 10%) juntamente com o cônjuge. Somente uma delas tem os bens administrados pelo filho. Esta declarou, em conversa informata, que “gostava de morar em sua casa na praia, mas o filho casou e tomou conta da casa obrigando-a a morar num pequeno apartamento na cidade”. Fica claramente caracterizada, nessa situação, uma forma de violência econômica, através da apropriação indevida do bem da idosa.

Quando foram perguntadas se assinaram documentos sem entender ($n=4$; 10%) declararam que sim e uma disse “ter assinado documento contra sua vontade”. Essas situações foram relatadas durante a inserção ecológica no grupo e, apesar de “repudiarem as atitudes agressivas adotadas pelos cônjuges e filho, não encontraram forças para se rebelarem”. Relatam que: “Eles sempre tomaram conta de tudo e não admitiam ser contrariados”.

As respostas a seguir, referem-se mais diretamente à segunda parte do instrumento e perguntaram diretamente sobre maus tratos e agressões. A análise dos dados permitiu o conhecimento das relações conflituosas que se estabelecem entre as idosas e as suas famílias trazendo informações relevantes para a pesquisa. Entre as entrevistadas ($n=9$; 22%) já foram “machucadas na família” e uma disse ter sido agredida pelo marido. As outras não quiseram identificar a pessoa que as machucou.

No grupo, durante o levantamento dos dados, depoimentos de duas idosas se referiam as brigas com o cônjuge. As brigas frequentes terminavam, quase sempre, “com agressões físicas”. Uma das agredidas fisicamente entrou com processo de separação do marido. Disse que: “sempre foi tratada com violência e encontrou no grupo de convivência o suporte e a coragem necessária para providenciar o divórcio”. Outra idosa que era agredida fisicamente ficou viúva recentemente. Apenas uma das entrevistadas “tem medo de alguém em casa”, e ($n=4$; 10%) delas “acreditam que podem ser ainda machucadas na família”.

Quando foram perguntadas sobre se recebiam agressões verbais de alguém nesta etapa da vida 17 idosas (42%) afirmaram positivamente. Foram apontados os seguintes agressores: marido ($n=3$; 7%), genros e noras ($n=2$; 5%), e foram ainda citados: vizinho, filho, colega e neto, cada um por uma participante agredida. O marido, segundo a informante, sempre foi agressivo. As outras agressões acontecem atualmente na vida das idosas e são feitas por membros mais novos na família. Algumas participantes não quiseram identificar o agressor. O vizinho a quem se refere a participante sempre agride porque, segundo ela, é uma pessoa irritada com tudo e descontente com a vida. Ainda foi citada uma agressão verbal feita por parente mais afastado. Quanto aos insultos, doze declararam que já foram alvo desse tipo de violência (29%). Novamente quem mais insulta é o marido, ($n=2$; 5%). Também foram citados como pessoas que insultaram às idosas um vizinho, um parente, neto e filho. Da mesma forma que na questão anterior, algumas não disseram quem insulta.

Agressão e insulto são termos usados como sinônimos, no entanto a agressão é mais abrangente, incluindo vários tipos de maus tratos, inclusive os insultos. No Dicionário Aurélio, há as seguintes definições para os dois termos: Agressão [do lat. *aggressionem*] é a ação ou efeito de agredir, dar bordoadas, pancada, investida, ataque, provocação, hostilidade, ofensa, acometimento, ataque. O insulto [do lat. med. *insultu*] se caracteriza por injúria, ultraje, afronta, ofensa.

Algumas idosas declararam serem tratadas como crianças ($n=3$; 7%) e uma delas disse que “a família quase sempre a mantém em isolamento social”. Tal fato identifica a falta de autonomia, que reflete a inversão de papéis dos idosos e de seus filhos na dinâmica da estrutura familiar. Os pais e mães passam de uma posição de independência e autoridade, para dependência e necessidade de cuidados e proteção. Muitas vezes, isto pode levar ao extremo de “serem tratados como crianças”. Desprovidos de qualquer possibilidade de reação contra essas atitudes, recolhem-se, muitas vezes, ao mutismo, à revolta interior e ao sofrimento, segundo informam. Os idosos parecem, muitas vezes, aceitar tacitamente a posição que ocupam na família, “como elemento

alijado das decisões”. Isto acontece porque, ao longo da vida, introjetam os valores sociais relativos à velhice, que na sociedade apresentam os idosos de forma caricata, sem funções, humilhante e marginalizada. Pretti (1991) refere-se à situação atual dos idosos no ambiente familiar, como uma conseqüência do descaso social, afirmando que as mudanças sociais, especialmente no âmbito urbano, têm influído decisivamente nos hábitos familiares. Em algumas famílias, as saudáveis reuniões familiares deixam de existir e os idosos em geral lamentam “pois nelas desempenhavam papel significativo pela afetividade, pelo conhecimento e experiência de vida”. O excesso de atividades nas grandes cidades, o progresso vertiginoso e os avanços tecnológicos, os novos meios de comunicação como televisão, internet e outros ocuparam os lares e a sociedade, trazendo informações atualizadas, atrativas e constantes, motivando para a participação as crianças, jovens e adultos e diminuindo as interações intrafamiliares. Gradativamente aconteceu a segregação dos idosos, que passaram a não ter mais função na vida familiar e na comunidade. Tal fato passa a ser um novo comportamento cultural, tolerado pela família, incentivado pela sociedade e até admitido como uma necessidade, sob o argumento simplista de que “os mais jovens também precisam viver sua vida” ou de que “os velhos já viveram a sua” (Pretti, 1991, p.25).

Nas últimas questões da entrevista, as idosas foram solicitadas a classificar o comportamento dos familiares para com elas. As respostas dadas a essa questão (múltipla escolha) destacaram como mais significativos: a constante comunicação (70 %); o respeito e consideração (76 %); os parentes acham ótimo ter uma idosa em casa (27 %). Apenas uma participante declarou que é maltratada e sete por cento das entrevistadas declarou que seus familiares consideram “regular ter uma idosa em casa”. Quase a totalidade das participantes (n=40; 98%) disse que “não se sentem atrapalhando a vida de ninguém”. Quando perguntadas se alguém gostaria que ela estivesse em outro lugar, três responderam positivamente (7%) e uma participante disse que o “genro e nora é que gostariam de vê-la distante deles”.

Um número expressivo das entrevistadas ($n=30$; 73%) classificou as relações familiares como ótimas e nove disseram que são boas (22%). Apenas duas participantes (5%) consideram regular a qualidade do relacionamento familiar.

Durante a inserção ecológica, a primeira autora identificou situações de conflitos, agressões, insultos e maus tratos na família que, segundo as entrevistadas, parecem não interferir nos seus sentimentos positivos em relação aos familiares. A família para elas é o microsistema no qual ocorrem as relações mais íntimas, caracterizando-se como o núcleo de maior importância em suas vidas.

A dificuldade que a sociedade está enfrentando para equacionar a problemática dos idosos no país leva a considerar a importância do posicionamento familiar como suporte psicológico, físico e social ao seu velho. À medida que envelhece, o ser humano parece se voltar mais para a família (Leme, 1996; Zimmerman, 2000). Quando perguntadas sobre o que consideram mais importante em suas vidas as participantes colocaram em primeiro lugar a família com 81% das escolhas. Os interesses afetivos e humanos das mulheres deste estudo parecem voltarem-se para seus filhos e netos, esperando amor e dedicação. Torna-se relevante incentivar a família a assistir seus membros de idade avançada, mediante uma avaliação realista do que podem ou não realizar. A família precisa ser orientada a respeito das necessidades básicas na idade avançada e sobre o modo mais adequado de agir com os idosos.

Quando velhos e jovens convivem numa mesma moradia, pode haver para ambos um enriquecimento (Zimmerman, 2000). Este intercâmbio é um meio de realização, de educação e atividade criadora. No momento em que se estabelece uma convivência baseada no afeto, respeito e compreensão desaparecem as distinções baseadas na idade cronológica e nos conflitos entre as gerações. É preciso oportunizar aos idosos manterem-se integrados ao meio familiar garantindo sua participação ativa na educação das crianças e dos jovens.

Considerações Finais

A constatação da existência de casos de abuso e violência leva à necessidade de instauração de espaços de discussão e comunicação entre os participantes do processo. Assim possibilitando uma reflexão coletiva sobre formas de enfrentamento do problema relacionado à violência familiar. A inserção no grupo permitiu o conhecimento das pessoas, uma maior compreensão do ambiente e das relações intrafamiliares facilitando a identificação dos problemas e a busca de maneiras de lidar com as pessoas envolvidas na situação.

O trabalho no grupo de convivência pôde contribuir para minimizar a problemática da violência fortalecendo psicologicamente as idosas, sensibilizando os familiares e apontando para os riscos que correm todos os familiares e em especial para o comprometimento da qualidade do envelhecimento das idosas.

Também ficou mais fácil perceber alguns fatores de proteção às idosas. O grupo foi destacado como fundamental para as idosas, valorizando sua experiência, permitindo o resgate de projetos adiados, contribuindo para uma convivência sadia com seus pares. Através desse espaço de convivência puderam ampliar sua participação social convivendo com outros microssistemas. As novas relações e o conhecimento adquirido no grupo fortaleceu a auto-imagem das idosas, contribuiu para a adoção de atitudes mais seguras de vida ajudando no enfrentamento de várias situações de risco pessoal e social.

Entre as estratégias destacadas como necessárias ao enfrentamento da problemática inclui-se a educação familiar, a comunitária e de toda a sociedade. As pesquisas direcionadas à temática da terceira idade precisam ser incentivadas e seus resultados divulgados com vistas à promoção de políticas governamentais de proteção a esse contingente populacional.

Destaca-se como relevante o papel das redes de apoio e suporte social e as políticas públicas de proteção aos idosos como meios para minimizar a problemática. As redes dão apoio emocional, afirmam a identidade social e contribuem para o estabelecimento de novos contatos sociais. O conhecimento dos direitos garantidos pela Política Nacional

do Idoso (1996) e pelo Estatuto do Idoso (2003) é fator fundamental para subsidiar as ações com vistas à mudança de atitudes das idosas diante das agressões e maus tratos sofridos.

A manutenção das relações com os cônjuges, familiares e amigos favorece o bem-estar psicológico e social dos idosos. As relações entre amigos são particularmente benéficas porque são de livre escolha atendendo as necessidades afetivas dos envolvidos porque eles compartilham experiências de vida, necessidades, valores e significados (Néri, 2001).

A existência de problemas de negligência e maus tratos contra as idosas, constatada nesse estudo, remete para a importância do trabalho do psicólogo no sentido de orientar e auxiliar sujeitos e instituições na promoção de programas de apoio às famílias e à sociedade para uma reeducação de seus membros com vistas à melhoria das inter-relações familiares e sociais.

Torna-se também fundamental a promoção de atividades educativas visando a uma mudança do conceito e das preocupações sobre a velhice e o ser velho, contribuindo assim para a promoção e o estabelecimento de novas políticas sociais voltadas para a melhoria das condições de vida dos idosos. Nos cursos de formação de profissionais nas áreas da saúde física e mental, bem como de educadores, torna-se relevante que se propiciem conhecimentos sobre a complexidade das aspirações e experiências dos adultos velhos, na perspectiva contextual do desenvolvimento. Introduzindo, assim, informações e evidências científicas que auxiliem os alunos a construir conceitualmente o entendimento sobre o processo de envelhecimento. O contato com as características próprias dessa etapa vital colocará os envolvidos no processo numa efetiva relação intergeracional permitindo que atuem como parceiros na luta por espaços mais dignos e pela melhoria da qualidade de vida dos idosos em todos os campos do conhecimento.

Referências Bibliográficas

- BEAUVOIR, S. (1990). *A velhice*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BOSI, E. (1983). *Memória e sociedade; lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz.
- BRASIL. (1996) Lei 8842, de 4 de janeiro de 1994. *Política Nacional do Idoso*. Brasília: MPAS.
- BRASIL. (2003) Lei 10741 de 1º de outubro de 2003. *Estatuto do Idoso*. Brasília: MPAS.
- BRASIL. (1996) Decreto 1948, de 3 de julho de 1996, que regulamenta a Lei Federal nº. 8842.
- BRITO, R. C., & KOLLER, S. H. (1999). Redes de apoio social e afetivo e desenvolvimento. In: CARVALHO, A.M. (Ed.), *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação* (pp. 115-130). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- BRONFENBRENNER, U. (1996) A ecologia do desenvolvimento *humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979).
- BRONFENBRENNER, U. (2004). *Making human beings human: bioecological perspectives on human development*. California: Sage.
- BRONFENBRENNER, U., & MORRIS, P. (1998). The ecology of developmental processes. In R. M. LERNER & W. DAMON (Ed.), *Handbook of child psychology* (V. 1. pp. 993 – 1027). New York: John Wiley & Sons.
- BUTLER, R. N. & LEWIS, M. I. (1985). *Sexo e amor na terceira idade*. São Paulo: Summus.
- Canoas, C. S. (1985). *A condição humana do velho*. São Paulo: Cortez.
- CECCONELLO, A., & KOLLER, S. H. (2004). Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. In S. H. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 267-291). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- DE ANTONI, C., & KOLLER, S. H. (2004). A pesquisa ecológica sobre violência no microsistema familiar. In S. H. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 311-335). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- FERNANDES, F. S. (1997). *As pessoas idosas na legislação brasileira: direito e gerontologia*. São Paulo: Ltr.

FERNANDES, M. G., & ASSIS, J. (1999). Maus tratos contra idosos: definições e estratégias para identificar e cuidar. *Gerontologia*, 7(3), 144-149.

Frost, M., & Willete, K. (1994). Risk for abuse / neglect: Documentation of assessment data and diagnoses. *Journal of Gerontological Nursing*, 29-30.

GONDIN, R. M. F. & COSTA, L. M. (2006). Violência contra o idoso. In D.V.S Falcão, & C.M.B. Dias (Eds.), *Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas* (Vol. 1, pp. 169-191). São Paulo: Casa do Psicólogo.

GUNTHER, H., PINHEIRO, J. Q., & GUZZO, R. S. L. (2004). *Psicologia ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente*. São Paulo: Álinea.

HOOSE, W. H. V & WORTH, M. R. (1985). *Aconselhamento de adultos: uma abordagem evolutiva*. Rio de Janeiro: Zahar.

IBGE (2000) (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Censo Demográfico: Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE.

JATOBÁ, M.; MACHADO, E; MORAES, T; REIS, M. (2004) A repercussão do Estatuto do Idoso nas denúncias de maus tratos. *A Terceira Idade*, São Paulo, 15 (31), 38-53.

JONES, J. S. (1994). Elder abuse and neglect: Responding to a nation problem. *Annals of Emergency Medicine*, 23, 845-848.

KALACHE, A., RAMOS, R. L., & VERAS, R. P. (1987). O envelhecimento da população mundial: um desafio novo. *Revista Saúde Pública*, 21(3), 211-224.

KOLLER, S. H. (ED.). (2004). *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

LEGER, J. M; TESSIER, J. F; MOUTY, M. D. (1994). *Psicopatologia do envelhecimento: assistência aos idosos*. Tradução Antônio Carlos de Oliveira Corrêa. Petrópolis, RJ: Vozes.

LEME, L. E. G. (1996) Peculiaridades Éticas em Gerontologia. In Netto, M. P. *Gerontologia. A velhice e o envelhecimento em visão globalizada* (pp. 463 – 469) São Paulo: Editora Atheneu.

LEME, L. E. G. & SILVA, P. S. C. (1996) O idoso e a família. In Netto, M. P. *Gerontologia. A velhice e o envelhecimento em visão globalizada* (pp. 92 – 97) São Paulo: Editora Atheneu.

- LYNCH, S. H. (1997). Elder abuse: What to look for, how to intervene. *AJN*, 97 (1), 27-33.
- MACHADO, L. & QUEIROZ, Z.V. (2006). Negligência e maus tratos. In Freitas, E. V; Py, L;
- Cançado, F. L. X; Doll, J; Gorzoni, M. L. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 2 ed. (pp. 1152-1159) Rio de Janeiro: Guanabara, Koogan.
- MILNITZKY, C., SUNG, F., & PEREIRA, R. (2004). Políticas públicas e envelhecimento: conquistas e desafios. *A Terceira Idade*, 15(31), 54-69.
- NÉRI, A. L. (2001). *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas, SP: Alínea.
- NÉRI, A. L. & SOMMERHALDER, C. (2006) As várias faces do cuidado e do bem-estar do cuidador . In Neri, A L. (org) *Cuidar de idosos no contexto da família: questões psicológicas e sociais*. 2 ed. (pp. 9 – 63). Campinas, SP: editora Alínea.
- NOVAES, M. H. (1997). *Psicologia da terceira idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias*. 2ed. Aumentada. Paulo de Frontin, RJ: NAU.
- Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa. Site <http://www.aureliopositivo.com.br/aurelio/>. Acessado em 26/10/2006.
- PORTUGAL, G. (1992). *Ecologia e desenvolvimento em Bronfenbrenner*. Aveiro: CIDINE.
- PRETTI, D. (1991). *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto.
- QUEIROZ, Z. P. V. (1997). Violência contra a velhice: considerações preliminares sobre uma nova questão social. *O Mundo da Saúde*, 21(4), 204-207.
- SOMMERHALDER, C., & NERI, A. L. (2006). A avaliação subjetiva da tarefa de cuidar: ônus e benefícios percebidos por cuidadoras familiares de idosos de alta dependência. In A. L. Néri (Ed.), *Cuidar de idosos no contexto da família: questões psicológicas e sociais*. 2 ed. (pp.93 134). Campinas, SP: Alínea.
- SOUZA, E. R; FORTUNA, F. F. P; PEREIRA, M. C & SILVA, C.M.F.P (1998). Extremo da vida sob a mira da violência: mortalidade de idosos no estado do rio de Janeiro. *Gerontologia*, 6(2), 66 73.
- ZIMERMAN, G. I. (2000). *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: ARTMED.
- World Health Organization – Who (1982) Epidemiological studies of social and medical conditions of the elderly. *Euro Reports and Studies*, n 62, Copenhagen.

Anexo A

Roteiro da Entrevista

1ª Parte: Dados Biosociodemográficos

1. Nome do entrevistado:
2. Idade:
3. Endereço:
4. Localidade:
5. Sexo:
 - masculino feminino
6. Estado civil:
 - solteiro casado vive junto
 - divorciado não respondeu Viúvo
7. Naturalidade:
8. Escolaridade:
 - analfabeto ginásio completo alfabetizado
 - secundário incompleto primário incompleto secundário completo
 - primário completo superior incompleto ginásio incompleto
 - superior completo
9. O(a) Sr./a tem renda pessoal?
 - sim não não respondeu
10. Em caso positivo, qual a origem da renda?
 - aposentadoria poupança salário
 - pensão aluguel outra. Qual? _____
11. Sua renda é suficiente para viver?
 - sim não não respondeu
 - não se aplica
12. O(a) Sr./a recebe ajuda extra para o seu sustento?
 - sim não não respondeu
 - não se aplica
13. O(a) Sr./a mora em:
 - apartamento
 - casa
 - instituição
 - outros
14. Onde o(a) Sr./a mora é:
 - alugado próprio emprestado
 - outro. Qual? _____
15. Quantas pessoas moram com o(a) Sr./a na mesma casa? _____
Se são familiares, qual o grau de parentesco?_____
16. Qual a sua ocupação atual? _____
17. Se é trabalho remunerado, possui algum vínculo empregatício?
 - sim não não respondeu
 - não se aplica
18. Gosta do trabalho que realiza?
 - sim não não respondeu
 - não se aplica

19. Se está aposentado(a), com que idade se aposentou? _____
20. O(a) Sr/a tem algum problema de saúde?
 sim não
21. Em caso positivo, qual(uais)? Listar.
22. Quando procurou o médico pela última vez?
 há menos de uma semana
 há menos de um mês
 há mais de um ano
 há menos de um ano
 nunca procurou
 não lembra
23. Faz uso de medicamento?
 sim não
24. Em caso positivo qual(uais)? Listar
25. Quantas refeições o(a) Sr./a faz por dia?
26. Quem prepara as refeições?
27. No caso de ser o(a) próprio(a), agrada-lhe fazer isso?
 sim não
28. Cuida da higiene pessoal?
 sim não
29. Recebe ajuda para tomar banho?
De quem_____ não
30. Faz a arrumação de seu quarto?
 sim não
31. Cuida de plantas? .
 sim não
32. Realiza outras tarefas em casa?
Quais_____ não
33. Família. Como classifica seu relacionamento familiar?
 ótimo bom
 regular péssimo
29. Quais são os parentes com os quais se relaciona freqüentemente:
 filhos genros, noras. irmãos
 parentes mais afastados (tio, primos e sobrinhos)
 cônjuge outros
30. Tem amigos?
 sim não
31. Para o(a) Sr./a é importante ter amigos?
 sim não
32. Sente solidão?
 sim não
33. Gosta de fazer novos relacionamentos?
 sim não
34. Considera-se feliz?
 sim não não respondeu
35. Acha que as outras pessoas gostam de você?
 sim não não respondeu

36. Participa com freqüência das atividades do grupo/associação?
 sim não
37. O(a) Sr./a costuma dar sugestões para o funcionamento do grupo/associação?
 sim não
38. Em geral suas idéias são aceitas?
 sim não não respondeu
 não se aplica
39. O(a) Sr./a aceita a opinião dos outros elementos do grupo?
 sim não
40. O(a) Sr./a freqüenta alguma Igreja ou local de oração? Qual a religião?
 sim não
41. Acredita que as pessoas mais idosas ficam mais religiosas?
 sim não
42. Como o(a) Sr/a manifesta sua sexualidade?
 com carinhos e toques
 conversas
 atenções especiais
 relações sexuais
 não respondeu
43. O(a) Sr./a observou mudanças na forma de manifestar sua sexualidade?
 sim não não respondeu
44. O que considera mais importante na vida?
 dinheiro família saúde
 amigos educação religião
 respeito amor lazer
 segurança outros trabalho

2ª Parte: Questões sobre aspectos relacionados à possibilidade de violência e maus tratos na família contra o idoso

1. Você convive com a família na mesma casa? () sim () não
2. Quais as suas atribuições no lar? Listar
3. O que você gosta de fazer?
4. O que você não gosta de fazer? Mesmo não gostando você tem que fazer? Por quê?
5. Você gosta de viver onde vive? Por quê?
6. Há algo que te incomoda? O quê? Por quê?
7. Se você pudesse mudar sua vida o que faria? Do que depende para que isto aconteça?
8. Você participa das decisões familiares? () sim () não
9. Você tem liberdade e autonomia dentro de casa? () sim () não
10. Alguém deixou de lhe prestar ajuda quando você precisou? () sim () não
11. Alguém já o proibiu de ver amigos ou outras pessoas? () sim () não *
12. A família aceita seus novos relacionamentos amorosos? () sim () não
13. Se você possui bens, quem administra? Citar
14. Você já assinou algum documento que não entendeu muito bem? () sim () não
15. Alguém o(a) obrigou a assinar documentos contra sua vontade? () sim () não *
16. Você se alimenta adequadamente? () sim () não
17. Recebe cuidados médicos quando necessário? () sim () não

18. Alguém na sua casa já o(a) machucou? () sim () não *
19. Você tem medo de alguém de casa? () sim () não *
20. Às vezes os idosos me contam que são machucados por alguém da família. Isso poderia acontecer com você? () sim () não *
21. Já sofreu alguma agressão verbal? () sim () não por quem? como foi?
22. Já foi tratado(a) com insultos? () sim () não por quem? como foi?
23. É tratado(a) como criança pelos familiares? () sim () não por quem? como foi?
24. A família o(a) mantém em isolamento social? () sim () não
25. Se necessário, recebe cuidados higiênicos? () sim () não
26. Como classifica o comportamento da família em relação ao Sr./à Sra.?
(múltipla escolha):
() é abandonado(a);
() há constante comunicação;
() é superprotegido(a);
() é tratado(a) com respeito e consideração;
() é maltratado(a);
() não há comunicação;
() parece que a família acha ótimo ter um idoso em casa;
() parece que a família acha regular ter um idoso em casa;
() parece que a família acha muito ruim ter um idoso em casa.
27. Você sente que está atrapalhando a vida de alguém? () sim () não. Quem? Por quê?
28. Você acha que há alguém que preferia que você não estivesse ali residindo com a família? () sim () não. Quem? Por quê?
29. Você acha que alguém gostaria que você estivesse em outro lugar? Quem? Onde?
30. Se desejar você pode fazer algumas considerações finais.

IVALINA PORTO

Rua Aquidaban, 684, ap. 404 – 96200480 – Rio Grande, RS.
e-mail: liana@terra.com.br

recebido 06/11/06
versão revisada recebida em 17/05/07
aprovado